

# *O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SALA DE AULA*

## LINGUISTIC PREJUDICE IN THE CLASSROOM

### EL PREJUICIO LINGÜÍSTICO EN EL SALÓN DE CLASES

**Selena Catiusce Goulart Corrêa**

Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

**Daiane Vithoft de Almeida**

Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER

#### **RESUMO**

Este trabalho teve por objetivo analisar como diminuir o preconceito linguístico em sala de aula, preservando a identidade sociolinguística do aluno. Tratou de compreender, a partir da história da língua e suas variações, a forma como nasce o preconceito linguístico e discutir como os professores podem atuar em sala de aula para enfrentá-lo. Tendo por base a ideia de que toda língua é heterogênea e viva, foi abordada a questão da variação linguística na sala de aula, por ser esta um ambiente composto por pessoas com características individuais, sociais e linguísticas diferentes umas das outras. A metodologia se definiu como pesquisa bibliográfica, e teve como referencial teórico os seguintes autores: Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (1999), Possenti (1996), Cagliari (2007) entre outros. O resultado do trabalho comprova que a escola precisa conscientizar os alunos sobre o preconceito linguístico e que é preciso trabalhar a variedade linguística em sala de aula para que, de fato, se consiga a diminuição do preconceito ali existente.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Preconceito linguístico; Sala de aula; Professor.

#### **ABSTRACT**

This paper aims to analyze how to reduce the linguistic prejudice in the classroom, preserving the student's sociolinguistic identity. It tried to understand, from the history of language and its variations, how language prejudice is born and discuss how teachers can act in the classroom to face it. Based on the idea that every language is heterogeneous and living, the issue of linguistic variation in the classroom was addressed, since this is an environment composed of people with different individual, social and linguistic characteristics. The methodology was defined as bibliographic research, and had as theoretical reference the following authors: Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (1999), Possenti (1996), Cagliari (2007) among others. The result of the work proves that the school needs to make the students aware of the linguistic prejudice and that it is necessary to work the linguistic variety in the classroom in order to reduce the existing discrimination.

**Keywords:** Linguistic variation; Linguistic prejudice; Classroom; Teacher.

#### **RESUMEN**

Este trabajo tuvo el objetivo de analizar alternativas para disminuir el prejuicio lingüístico en el salón de clases y de preservar la identidad sociolingüística del alumno. Trató de comprender, a partir de la historia de la lengua y sus variaciones, la forma como nace el prejuicio lingüístico y reflexionar sobre como los docentes pueden actuar en el salón de clases para enfrentarlo. Teniendo presente la idea de que toda lengua es heterogénea y viva, se abordó la cuestión de la variación lingüística en el salón de clases, por ser este un ambiente compuesto por personas con características individuales, sociales y lingüísticas distintas unas de las otras. La metodología se caracterizó como investigación bibliográfica y tuvo como referencia teórica los estudios de los siguientes autores: Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (1999), Possenti (1996), Cagliari (2007) entre otros. El resultado del trabajo comprueba que la escuela necesita crear consciencia entre los alumnos

sobre el prejuicio lingüístico y que se hace necesario trabajar la variedad lingüística en el salón de clases para que, de hecho, se logre disminuir el prejuicio lingüístico allí existente.

**Palabras-clave:** Variación lingüística; Prejuicio lingüístico; Salón de clases; Profesor.

## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho foi elaborado com o propósito de compreender como as variações linguísticas quando mal interpretadas ocasionam o preconceito linguístico. Diante desse contexto, o objetivo foi analisar alternativas para diminuir o preconceito linguístico em sala de aula, preservando a identidade sociolinguística do aluno; para isso foi preciso compreender, por meio do conhecimento da história da língua e suas variações, como nasce o preconceito linguístico e também discutir como os professores podem atuar para minimizar esse problema.

O estudo realizou-se através de pesquisa bibliográfica, que permitiu expor o ponto de vista de alguns estudiosos sobre o tema, citados nas referências. Por ser um tema bastante polêmico, o conhecimento a respeito do preconceito linguístico torna-se de grande importância para conscientização social. Assim, trabalhos como este se justificam por acreditar que a sociolinguística tem grande importância pedagógica no âmbito escolar, na convivência social e como uma forma de inclusão. Entende-se que é preciso respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, e atribuir valor a cada variante linguística, que é preciso mudar a prática distorcida de apresentar as variações linguísticas como se elas existissem apenas em meios rurais ou na fala de pessoas menos escolarizadas.

Para que essa mentalidade a respeito da linguagem mude, será necessário que os docentes deixem claro durante suas aulas, que as diferenças linguísticas não são um erro e sim uma variação respeito ao que diz a norma culta. Bagno (1999, p.15) ainda afirma que ninguém “erra” porque quer ou porque é burro: a pessoa simplesmente obedece a regras gramaticais próprias da variedade de língua que é a dela. Esse tipo de preconceito, o de que no Brasil só há uma maneira “certa” de falar, tão comum em nossa sociedade, tem levado muitos educadores a ter uma visão errada sobre a nossa língua. É, pois, na escola que deve começar uma reflexão sobre esse preconceito linguístico e o consequente estigma sofrido pelas pessoas que não têm o domínio da variedade culta da língua, para que o processo de mudança comece desde cedo. Assim sendo, é preciso fazer uma

reflexão sobre o fato de que o preconceito linguístico na verdade é um preconceito também social, que exclui principalmente as camadas mais carentes do país, como os alunos de escolas públicas.

Este trabalho enfatiza a importância do ensino da variação linguística em sala de aula, pois o papel da escola não é o de ensinar a língua de forma homogênea, mas sim apresentar a heterogeneidade da língua, ou seja, as variações entre todos os falantes da língua.

### **VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

O Brasil é um país de dimensão continental, onde a constituição do povo brasileiro contou com uma grande variedade de outros povos como índios, portugueses, europeus e africanos. Essa multiplicidade social trouxe consigo costumes, crenças e um grande número de variedades linguísticas. Tal como afirma Bagno (2008, p.27),

(...) são faladas mais de dezenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falarem diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravista.

A sociolinguística é a área da linguística responsável pelo estudo e observação das variações e mudanças linguísticas na sociedade; essas observações nos permitem uma reflexão acerca do preconceito linguístico em relação ao uso das variedades linguísticas. “Todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade”. (CAGLIARI, 2007, p. 81). Quem fala diferente, fala “errado”. E é justamente essa ideia que avança as práticas do preconceito linguístico. Uma vez que todas as línguas variam, ou seja, nenhuma comunidade fala da mesma forma, a linguagem tornou-se algo idealizado, calcada no certo e errado, voltada contra a identidade linguística do aluno, preconceituosa e prejudicial.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “uma”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 1999, P.27-28)

Voltando a Bagno (1999), ele afirma que há no Brasil uma “mitologia” do preconceito linguístico, que prejudica toda nossa educação e nossa formação enquanto cidadãos.

Existe um mito ingênuo de que a linguagem humana tem a finalidade de “comunicar”, de “transmitir ideias” – mito que as modernas correntes da linguística vêm tratando de demolir, provando que a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento. Ao lado dele, também existe o mito de que a escrita tem o objetivo de “difundir ideias”. No entanto, uma simples investigação histórica mostra que, em muitos casos, a escrita funcionou, e ainda funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso. (BAGNO,1999, p.133)

Ele ainda enumera oito mitos que servem para acentuar e transmitir uma visão errada, de que no Brasil há uma unidade linguística e que os brasileiros é que não sabem usá-la corretamente.

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO,1999, p.18).

Durante a pesquisa realizada pode-se verificar a existência de fatores que produzem as diferenças na fala das pessoas. Esses fatores podem ser regionais —o português falado na região Sul do país difere daquele falado no Norte—; fatores culturais como o grau de escolarização; fatores contextuais —um mesmo falante altera o registro de sua fala de acordo com a situação que se encontra— e fatores naturais, como idade ou sexo.

Segundo Possenti (1996, p. 34-5) existem ainda dois fatores a se levar em consideração a respeito da diversidade linguística, os internos e os externos.

Um dos tipos de fatores que produzem diferença na fala das pessoas são externas à língua. Os principais são os geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão (...). Também há fatores internos que condicionam a variação. Ou seja, a variação é de alguma forma regrada por uma gramática interior da língua. Por isso não é preciso estudar uma língua para não “errar”. Em outras palavras “há erros” que ninguém comete, porque a língua não permite.

Essa gramática interior a que se refere Possenti é um conjunto de regras internas que nos permite construir e entender frases que fazem sentido. Essa gramática não é aprendida na escola, são os saberes “pré-existentes” de cada indivíduo, que o habilitam para falar sua língua materna.

“Nenhuma língua tem um número de regras substancialmente diverso do de outra. O português é uma língua tão fácil que qualquer criança que nasce no Brasil (e em alguns outros lugares) a aprende em dois ou três anos. E é tão difícil que os gramáticos e linguistas não conseguem explicá-la na sua totalidade. E o mesmo vale para o chinês, o guarani, o alemão, o bantu, o japonês etc. A questão é exatamente igual em cada país ou para cada língua”. (POSSENTI, 1996, p27).

Ao ingressar na escola a criança descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado e, dessa forma, sua personalidade linguística se perde, abrindo espaço para o preconceito em relação a outros modos de se falar. Para que isso não ocorra é essencial que os professores levem em consideração o que a criança sabe, o que traz de casa e a forma como ela domina a língua materna.

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. Por isso qualquer criança entre os 3 e 4 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua. (BAGNO,1999, p.123).

Como se disse anteriormente, se a aquisição da língua materna se desenvolve de forma espontânea junto à família e a todos os que estão próximos da criança, a sua aprendizagem não é uma atribuição da escola. Quando esta aprendizagem tem início, é importante que os alunos comecem por não sentir que as variantes linguísticas que usam são desvalorizadas ou ridicularizadas, pois esses sentimentos não estimulam em nada o seu aprendizado, mas os desmotivam e os desencorajam. Esse conflito foi, de certa forma, descrito por Carlos Drummond de Andrade (Poesia Completa, 2002, p. 1089) no poema *Aula de Português*:

A linguagem  
na ponta da língua  
tão fácil de falar  
e de entender.  
A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?  
Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, equipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esquecia língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.  
O português são dois; o outro, mistério

Esse poema retrata um conflito de linguagem. Para Drummond, de um lado existia a linguagem da ponta da língua, a fácil de falar e entender, a do namoro com a prima, uma linguagem próxima, e do outro lado a do professor Carlos Góis, aquela na superfície estrelada das letras, tão difícil e tão distante.

Todos os fatores citados, quando interpretados de forma equivocada, geram preconceito linguístico, que este se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria ensinada nas escolas e explicada na gramática. Bagno (1999, pp. 69-70) afirma:

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar.

Vários estudiosos tentam desfazer a ideia preconceituosa de que somente quem fala de acordo com a norma culta é que fala a nossa língua. Seus ensinamentos nos levam para novas atitudes, como professores de Português, e nos instigam para a valorização em especial da nossa língua materna, pois valorizar a língua materna é evitar a discriminação entre as variantes linguísticas presentes na escola. Como aponta Cagliari (2007, p. 38),

Para o aluno, o respeito às variedades linguísticas muitas vezes significa a compreensão do seu mundo e dos outros. Um aluno na escola não pode chegar à conclusão que seus pais são “burros” porque falam errado, não pode achar que as pessoas de sua comunidade são incapazes porque falam errado, não tem valor porque falam errado, ao passo que a lógica do raciocínio só pode ser expressa nessa variedade linguística, que o bom, belo e perfeito só pode ser expresso através das “palavras bonitas” do dialeto padrão.

É preciso reflexão acerca do problema para que a escola não seja um lugar de exclusão social, mas que seja acima de tudo um lugar de transformações positivas para a criança. Como afirma Bagno (1999 p. 18, 19).

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições estejam voltadas para a educação e as culturas, abandonem esse mito da “unidade” do português e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para planejarem suas políticas de ação junto com a população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.

A formação do professor de Língua Portuguesa prepara-o em geral, para um aluno cuja competência linguística é idealizada, e que torna o ensino artificial e distante de sua realidade. Para os autores Bagno e Rangel, (2005, p. 56),

Muitos são os estudantes que se graduam em Letras sem jamais terem ouvido falar, em sua formação, de pragmática linguística, de análise do discurso, de linguística textual, de análise da conversação, de letramento, de gramaticalização, de gêneros textuais e de outras áreas de investigação que, paradoxalmente, se encontram em plena ebulição nos centros de pesquisa das grandes universidades brasileiras, que são de enorme importância para a formação docente.

Como também observa Cagliari (2007. P. 42),

(...) a linguística é o estudo científico da linguagem. Está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo o trabalho descritivo usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam de algum modo, a linguagem falada ou escrita.

A educação é um instrumento que vem favorecer mudanças e crescimento na vida das pessoas e, muitas vezes, um novo padrão de vida. A escola deve atentar para as principais mudanças que ocorreram no processo de ensino-aprendizagem nessas últimas décadas; observa-se que as instituições que planejam a educação têm avançado no combate, como se pode verificar nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNs) quando expõem:

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades (...) A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas

são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (PCN, 1998, p. 81-2).

Faz-se necessário considerar que o professor deve respeitar os aspectos culturais e linguísticos do aluno antes da escola, para assim desenvolver nele um sentimento de segurança e autoestima. Esse entendimento exige que o professor repense sua metodologia de ensino, reveja seu conceito sobre “erro” e adote uma mudança no procedimento didático. Isso é reforçado ainda por Bortoni-Ricardo (2005), segundo a qual:

[...] a tarefa da sociolinguística educacional não se esgota na descrição da variação e divulgação dos resultados obtidos [...]. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de posturas da escola e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar importante. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Basta somente que o professor procure preservar os saberes sociolinguísticos dos alunos, bem como os valores culturais; com isso permitirá que eles possam ampliar o seu grau de competência linguística e comunicativa, aprendendo a se comunicar em outras variedades, a depender das circunstâncias. Bortoni-Ricardo (1999 p. 78), aponta que:

(...) o respeito às características culturais e linguísticas do educando, o que lhe garantirá manutenção de sua autoestima e viabilizará a sua integração na cultura escolar, que lhe é razoavelmente estranha, e b) o conhecimento, por parte da escola, das características, da competência comunicativa que o educando traz consigo e que deveria ser ampliada ao longo de sua formação escolar.

Ainda seguindo a referida autora, o aluno precisa reconhecer a importância e a necessidade de estudar sua língua materna, mas de uma forma próxima à sua realidade, já que muitas vezes as regras aprendidas nas escolas não correspondem à língua que ele realmente fala e escreve em seu dia-a-dia, causando uma grande dificuldade atribuída à língua.

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna (...) variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26).



É necessário que o professor levante uma discussão crítica com os alunos sobre os valores sociais atribuídos a cada variação linguística, mostrando que o uso de algumas variantes é discriminado e que certas produções orais ou escritas devem ser repensadas, mas que ambas precisam ser estudadas.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BAGNO, 1999, p. 21).

O professor é um mediador no processo ensino-aprendizagem, é dever do professor o ensino da norma padrão, mas além disso é preciso trabalhar a consciência e a compreensão de que no Brasil há diferentes falares.

Aprender português (...) não é só aprender como a língua (e suas variedades) funcionam, mas também estudar ao máximo os usos linguísticos; e isso não significa só aprender a ler e escrever, mas inclui ainda a formação para aprender e usar as variedades linguísticas diferentes, sobretudo o dialeto-padrão. A escola dessa forma não só ensinaria português, como desempenharia ainda o papel imprescindível de promover socialmente os menos favorecidos pela sociedade (CAGLIARI, 2007, p. 83).

Uma das alternativas que podem surtir efeito no combate do preconceito linguístico é a ação de professores compromissados com o ensino; o professor, principalmente de Português, precisa trabalhar as variantes linguísticas em suas aulas, seja através de poesia, música ou teatro, mas que as ações possam elucidar seus alunos quanto às nuances de nossa língua, o aluno precisa entender que as variações são formas de se dizer algo, mas de outra forma.

A escola não pode tomar atitude linguística de que vale tudo, de que não existe certo e errado, porque tudo comunica (...). A língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino do português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (CAGLIARI, 2007, p. 48).

Se a escola tiver um comportamento diferente em relação ao ensino da variante padrão, o aluno compreenderá que seu papel linguístico na sociedade depende e muito do domínio efetivo das mais variadas formas de se dizer a mesma coisa. Se ao chegar à escola, o aluno fosse logo introduzido nas diferenças linguísticas que existem em nossa sociedade,

e se lhe ensinasse como e quando usá-las, não existiria preconceito nem discriminação. Bagno (1999, p. 130) ainda diz que:

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta [...] Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante.

Nessa perspectiva para um ensino democrático e reflexivo, o professor deve se atentar para algumas questões que são relevantes para facilitar a aprendizagem do aluno. Para tanto, recorreremos às colocações de Marcos Bagno. O autor aponta dez questões para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso:

- 1) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele SABE essa língua. Sendo assim,
- 2) Aceitar a ideia de que não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa.
- 3) Não confundir erro de português (que, afinal, não existe), com simples erro de ortografia.
- 4) Reconhecer que tudo o que a Gramática Tradicional chama de erro é na verdade um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável.
- 5) Conscientizar-se de que toda língua muda e varia. O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua.
- 6) Dar-se conta de que a língua portuguesa não vai nem bem, nem mal.
- 7) Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque
- 8) a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos.
- 9) uma vez que a língua está em tudo e tudo está na língua, o professor de português é professor de TUDO.
- 10) Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. (BAGNO, 1999, p. 166-168).

Para finalizar, cabe considerar ainda que a sociolinguística fornece todo o amparo para que o professor seja um motivador da mudança que precisa ocorrer na educação, mostrando que não há um único português, mas que há variedades linguísticas. Ter consciência desses estudos permite que o professor contorne essas dificuldades, percebendo que as variedades fazem parte de uma cultura e que são importantes dentro do processo de aprendizagem. Como explica essa feliz passagem de Cagliari (2007, p. 84). “Se os alunos aprenderem a verdade linguística das variantes, geração após geração, a

sociedade mudará seu modo de encarar esse fenômeno e passará a ter um comportamento social mais adequado com relação às diferenças linguísticas”.

O referido autor ainda coloca que, com isso, teremos falantes conscientes da diversidade linguística da Língua Portuguesa, abolindo a intolerância e o desrespeito frente às variações linguísticas.

## **Metodologia**

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de caráter bibliográfico, feita em diversos livros, sobre os pressupostos teóricos de vários autores, como Marcos Bagno, Bortoni-Ricardo, Cagliari, Possenti além dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobre o preconceito linguístico. Essas pesquisas serviram de base para orientar a metodologia, e os resultados obtidos foram satisfatórios. A pesquisa bibliográfica foi o passo inicial na construção efetiva desse artigo, e para evolução do tema abordado no presente trabalho. De acordo com Stumpf (2005), a revisão bibliográfica é importante, porque ali se evidenciam os registros das pesquisas já realizadas anteriormente, que possibilitam a transmissão do conhecimento e sua ampliação.

Quando o pensamento e as descobertas humanas passaram a ser registrados, o homem não precisou mais valer-se apenas de sua memória biológica para lembrar-se dos fatos e acontecimentos. A tradição oral deu lugar aos registros impressos, e estes, pela capacidade de preservação do saber, permitiram a transmissão do conhecimento com mais precisão (STUMPF, 2005, p. 52)

Inicialmente, o estoque de conteúdos para revisão bibliográfica era uma competência de instituições como bibliotecas. Atualmente, no entanto, com a explosão da realidade eletrônica e virtual, há uma gama de possibilidades online que também podem ser utilizadas, já que nesse tipo de pesquisa é possível utilizar desde revistas, jornais, portais online, monografias, dissertações, teses, artigos, documentos históricos, entre outros.

O principal objetivo desse tipo de pesquisa, segundo Stumpf (2005), é “encontrar autores e trabalhos que deem suporte à temática escolhida, estando sempre atento a novas interpretações e aplicações, que poderão colaborar para a realização de seu trabalho” (p. 54). Todo o trabalho é feito, principalmente através da leitura e transcrição

de dados. Alguns pesquisadores também optam por fazer os chamados “fichamentos”, que são anotações em fichas a respeito das leituras feitas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi expor uma forma de diminuir o preconceito linguístico em sala de aula, preservando a identidade sociolinguística do aluno. Para isso, foi preciso compreender, por meio da história da língua e suas variações, de que forma nasce o preconceito linguístico. Pela opinião de alguns estudiosos, foi possível compreender como os professores devem atuar em sala de aula para afrontar o preconceito linguístico.

A pesquisa trouxe, ao final da proposta, a confirmação de que o preconceito linguístico existe, e que cabe a nós, os professores de língua, sermos os primeiros interessados em combatê-lo. Precisamos mostrar aos nossos estudantes que, assim como existem pessoas diferentes, há falas diferentes; devemos gerar reflexões acerca desse fato e suas implicações para a condição de cidadão. Embora o governo tenha dado alguns passos em relação a esse ponto, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que expõem o assunto e sugerem estratégias para trabalhá-lo em sala de aula, sabemos que não é suficiente elaborar um documento para combater um preconceito que atinge milhões de pessoas.

Ao professor cabe apresentar ao aluno as diversas formas da língua portuguesa, e fazê-lo compreender que cada situação exige sua própria variedade e que é necessário que ele as conheça para que possa se expressar corretamente. Tornar os alunos usuários muito mais competentes quanto aos diversos usos da língua, não significa levá-los a memorizar as regras da gramática normativa ou a falar “certo”, mas permitir-lhe a escolha da forma de fala ou de escrita adequada à cada situação comunicativa, considerando as características e condições do contexto de produção, isto é, saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas. Fica de forma clara e evidente que o uso das variações deve ser respeitado da mesma forma que o uso do português padrão. Precisa-se então que exista este entendimento por parte dos docentes. Para que, com isso, dê-se um ponto final ao preconceito linguístico, não só em sala de aula, mas na vida social e profissional do falante.

“Uma decisão que considero importante, no domínio do ensino de língua materna, é que não se façam experiências. Sou absolutamente contrário a

transformar alunos em objeto de experimentos com teorias novas. É que, se o experimento fracassa, não se desperdiçam amostras de materiais, mas de pedaços de vidas, partes de projetos dos alunos, às vezes vidas e projetos inteiros. (POSSENTI,1996:16).

Fica como tarefa a esperança de que essa pesquisa possa contribuir para o crescimento das reflexões e debates sobre as estratégias de mudanças do ensino de língua materna dentro da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2002.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. O. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Revista Brasília de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, p. 66, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo, Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo, Loyola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro ciclo. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2007.
- POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 7ª reimpressão, 2001, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.
- SILVA, Rita da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: IBPEX, 2009.
- STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.